

SEMANÁRIO

INFORMAÇÃO E Director - ABEL MONTEIRO



opriedade da Direcção / Editor; João da Cruz Rosa / Impressão: Tipografia Castelovidense, Castelo de Vide / Redacção e Administração: Largo do Dr. António José de Almeida-NISA

Gazetilha

enhor Sumatra de Lemos; que música não temos o coreto do jardim, om è que haja escuridão or volta da meia-noite, ois certo è que so, assim, possivel que se afoite vir por all trinar na amorosa canção suave rouxinol. demais, é bom notar ue è preciso limitar consumo de energial em basta que haja, de dia, 'ra quem queira passear, intensa luz do sol ue è bastante mais barata. do venha pois protestar, migo e Senhor Sumatra, ontra a carência de luz ue è uma cousa que temos, lais que suficiente, de din. lhe que, se assim profia, eva uni tombo e... catrapuz! enhor Sumatra de Lemos.

LEÓNIDAS

Vultos Ni

FIGURAS CONTEMPORANEAS

Cónego Manuel Carôlo

Na galeria dos nisenses ilustres do nosso tempo ocupa, por demorou até Maio de 1915. conquista, lugar de destaque, o Conego Manuel da Cruz Carôlo.

Nasceu na freguesia do Espirito Santo desta vila em 2 de Dezembro de 1887.

Tendo-se preparado no Seminário de Portalegre para a vida eclesiástica, ordenou-se de presbitero e em 5 de Abril de 1911 cantou a sua primeira missa na Igreja Matriz desta vila, aos 21 anos de idade.

Em principios de 1912 foi encarregado de paroquiar a freguesia de Arronches onde, no

Durante o tempo em que paroquiou Arronches, o Conego Manuel Carôlo, alma ardente e árduos para a Igreja em Portugal, pregou a sua fé não só por quasi todas as freguesias visinhas e muito especialmente na cidade de Elvas.

Em 1915 pede e obtém demissórias para a Arquidiocese de Evora, na qual veio depois a ser encardinado.

Encarregado pelo Arcebispo D. Augusto Eduardo Nunes de paroquiar a freguesia de S. Pedro em Elvas e, depois, cumulativamente, a freguesia da Sé da mesma cidade, ficou com o curato de mais de metade da população elvense.

A sua mocidade exuberante de vida e de energias morais deu-se ensejo a desenvolver, em tôda a plenitude, o seu zêlo apostólico num meio hostil e quasi descristianizado, como era então o da cidade de Elvas.

O Cônego Manuel Carôlo, com a sua palavra forte ao serviço duma vontade de ferro, realiza nos três anos da sua permanência em Elvas uma obra notável de proselitismo católico.

Promove e consegue a reviviscência da fé nessa cidade, criando o Apostulado da Oração e renovando o ensino da

exercicio do seu ministério, se categuese que há muito tempo ali se não fazia. Dá inicio ás festas da comunhão solene das das pelos leitores. crianças, a segunda das quais, de lutador, em tempos dificeis tôdas as pompas da Liturgia, assistindo ás solenidades tôdas as pessoas que em Elvas marna sua paróquia, mas também cavam pela sua posição social e pelo seu valor intelectual e moral. E foi no final dessa fes-

Conclue na pág. 2

Dr. Adolfo Bugalho

Foi nomeado para o cargo de Delegado de Saúde no Concelho de Castelo de Vide o Ex.mo Sr. Doutor Adolfo Bugalho, mèdico que sabe inteligentemente aliar a sua vasta cultura científica com as Letras e as Artes. São da autoria dêste nosso distinto amigo as xilogravuras que publicámos no último número do «Correio de Nisa» e que tanto foram aprecia-

Pela justica que acaba de na catedral elevou-se, revestiu lhe ser feita, o felecitamos de todo o coração.

Câmara de Nisa

Na passada têrça-feira, 16 tividade que uma alta figura do corrente, tomou posse da elvense, o Dr. João Tierno-mé- Presidência da Câmara de Nisa dico distintissimo que, em Co- o Ex.mo Sr. Dr. Francisco Mouimbra, fôra condiscipulo do llus- rato Pelequito, facto a que nos tre nisense Dr. Francisco Mi- referiremos com pormenor, no próximo número.

Nisa Agricola

dura vida dos lavradores época da sementeira Episódio interessante

Mua população, ou cultiva direcmente a terra, ou inverte neroduções que, se não são faras, porque o solo è pobre, são, o entanto, bastante variadas e. lgumas, de largo e merecido enome.

E' porèm, o centeio a cultumais adaptável à magreza os terrenos da região e nela referentemente se emprega a ctividade dos agricultores nilenses, a laboriosa e incansável gião dos nossos lavradores, ra a ingratidão do solo e a ira egularidade do clima.

ras ja noutras emergências teho focado este aspecto da vi-Salla agricola local, fazendo sóbre le considerações que muito me praz reeditar para o jornal da Reminha terra:

-Os lavradores de Nisa são uasi todos rendeiros, mas até queles que lavram terras suas terras angariadas pouco a ouco numa ânsia indizivel. omcabedais amealhados à cusda mais severa economia rite esses levam, enquanto polem, a mesma vida de trabalho erseverante.

spécie alguma - verdadeiros presente apostila.

Nisa è uma vila essencial- servos da gleba, vergados ao ente agricola. A maioria da jugo incessante duma labuta extenuantissima.

Ainda o sol anda iluminan-1 s os seus capitais, cobrindo-a do outros continentes, já ĉies, plantações diversas, obri- em plena noite de inverno, deando-a a desentranhar-se em pois de terem saboreado regaladamente, às três ou quatro horas da manhã, as migas do

Conclue na pág. 2

ôgo dos Césares

dizia para o seu comentador Platão quando êste acrescentáva um ponto à doutrina do na e uma sógra que delira, não Mestre: «Toma cuidadol Sou muito teu amigo, mas sou ain- de entendimento. da mais amigo da minha consciência...».

mentários e reacções em que rêsse. os autores nunca pensaram! É que arquiteta inabaláveis razões

A vida afigura-se por for- de consciência para pedir o mas diversas a cada um de nós. máximo, e a procura que forja Sócrates, que não escreveu, não menos conscientes razões para largar o mínimo.

Entre um genro que raciociexiste qualquer possibilidade

Donde provém tamanha diversidade de atitudes? Do nos-O bom Montaigne observou so temperamento, que é como que os escritos provocam da quem diz dos nossos sentimenparte dos leitores, ideais, co- tos, em ordem principal, o inte-

Quando patente, o interêsse difícil o acôrdo entre a oferta chama-se avidez. Mas as mais (Conclue na 4.ª página)

No n.º 11 dêste jornal, de 10 uja vida aspérrima é uma luta do corrente mês de Outubro. orfiada e inquebrantavel con- iniciou o Dr. Carvalho Costa a publicação dum estudo sôbre semântica, no qual diz que esta palayra, segundo informação do filólogo Dr. Rodrigo de Sá Nogueira, «foi pela primeira vez empregada por Michel Bréal no seu Essai de sémantique em 1887, e nisto tem sido seguido em regra por todos».

Efectivamente, Så Nogueira diz isto mesmo na nota 3 da pág. 115 do 1.º volume da revista de filologia «A Lingua Por tuguesa de que era director.

Mas tal informação não é exacta; e como induziu em erro o Dr. Costa, pode também, atravez do estudo dêste, indu-E' tôda uma existência de zir em erro os leitores do «Corscrificio, sem comodidades de reio de Nisa». Dai a razão da

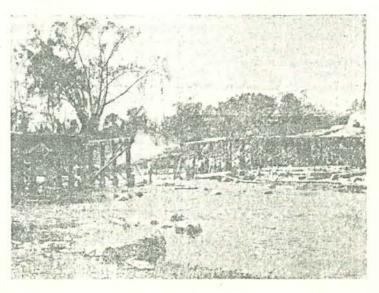
Não foi no referido Essai de sémantique, em 1897, que pela primeira vez foi empregado o têrmo semântica.

Tendo tomado contacto com Michel Breal em 1918, nas aulas, que frequentei, de filologia portuguesa professadas em Coimbra pela Senhora D. Carolina Michaëlis, na Faculdade Letras, verifiquei que o grande filólogo francês Bréal pelo menos já em 1883 empregara o têrmo semântica no seu notável trabatho «Les Lois intelle fuelles du langage, fragment de Sémantique, publicado no Annunire de l'association pour l'encouragement des études grecques en France, pág. 132 e seguintes.

Também em 1886 e em 1887, datas, respectivamente, das duas primeiras edições de La Vie

Conclue na pag. 4

que foi a luta no Oriente



Um viaducto inimigo, destruido pela Aviação aliada, durante as lutas no continente asiático.

ANIOL Amanhã

por ALICE OGANDO

Amanhá! Que de esp'ranças e desejos! Tanta quimera linda sonha a gente! Canção de amor cantada ao som de beijos, Um sonho p'ra sonhar eternamente.

Amanhāl Que feéricos cortejos Ante nos vão passando alegremente! Sem mais receios, dúvidas e pejos, A vida è toda nossa, finalmente!

Amanha p'ra minha alma não existe, E. assim, eu vou vivendo um hoje triste, Numa alegria talsa, louca e và.

Porque Deus quiz que em minha vida escura, Brilhasse um dia, numa luz mais pura, Este meu triste amor sem amanhã.

AGRIC

(conclusão)

de verem se o gado seria bem a um sono reparador... tratado.

Depois... é lavrar até à noite, embora desapiedadamente caiam sobre éles tôdas as inclemências do céul E lavrar com juntas tratadas a palha de cen- fa do dia anterior! E ci-lo de telo e poucas vezes a feno, esqueléticas vacas, às quais nem sequer um fio de erva suaviza a nostalgia dos prados primaveris e que la se vão arrastando até cairem...

Os criados, encharcados pelos aguaceiros, podem chegar- do conhecimento de vários ni--se ao fogaréu para enxugar as senses e é muito possível terroupas e trincar da corna as se repetido com outros protaazeitonas do almoço ou do jantar; mas o lavrador, ésse, não påra nem para comer, admoesta um ganhão, aconselha outro, um reflexo da graça natural e pouco antes acabara de entrar dà o exemplo do máximo esfôr- bonomiados agricultores desta a ceial ço, vela pelo passadio do gado região, estereotipa flagrantetenham passado sôbre todos os dos lavradores de Nisa, pondo de accão.

mes patriarcals, cansado, exaus- presas, por mais inesperada- nho, e à noite, ao regressar a tituições;—a Associação da Daliberaliza.

alentejana, onde as chamas as comportas à estridéncia duazuladas flamejam sõbre a - ru- ma gargalhada françae vibranbras brasas do azinho, o infati- tissima... gåvel trabalhador, achegando a si a mesa pequena da costula coberta por alvissima toalha, tinho de um ano já remoto, um ceia demoradamente, fartamente, uma sopa substancialissima emborcada pela mulher na bacia ou prato de meta cozinha, em que tôda a familia come.

E são ali desafiadas, durante a refeição e depois dela, a la-

almoço, se aventuram a devas- suma, todos ĉeses motivos de sar as trevas nocturnas, na conversa familiar diàriamente pressa de chegarem ao campo debatidos e que, post prandium antes da hora de iniciar o tra- insensivelmente convidam, pebalho da sementeira e a tempo la monotonia a invariabilidade.

> Depois... dormir beatificamente, como soe dizer-se que dormem os justos, até que os galos madrugadores anunciem serem horas de retomar a tarenovo, na sua égua, a caminho da sementeira...

Ocorre-me agora um episódio interessante, com um sabor talvez anedótico, mas nem por isso menos veridico. O caso passou-se há muitos anos; é

Conto-a aos leitores do Correio de Nisa» porque, sôbre ser e não recolhe a casa sem que a mente uma das modalidades sua vista e minucioso exame mais típicas e características departamentos do seu campo bem a nu a sua psicologia de sacrificados às exigências da nho do campo... E volta então ao seio da fa- labuta diária e a sua aquiescenmilia, gente simples, de costu- te conformidade a tódas as surto, mas com a grande alegria mente que elas lhes tragam casa, a vizinhança, galhofeira- mas de Caridade, só para do- em campo e dias depois, no coração, a tranquilidade de uma lágrima ou um sorriso, espirito, a doce paz interior que Gente boa, em cujos corações sal... só a vida rural proporciona e as desgraças alheias sempre encontram eco; almas sas que, lhote, a recordar êsse interes-E à lareira, a grande lareira quando jubilosas, abrem tôdas sante episôdio da sua vida dis-

Mas... vamos ao caso.

Ai pelo veranito de S. Mardos nossos lavradores, tendo regressado da sua arada um pouco mais cedo do que de costume, foi, após a ceia, como habitualmente, refazer as gastas energias nos braços da Morfeu.

Eram seis horas e já o bom buta do dia, a falta ou excesso homem dormial Deitara-se, poda chuva, a morrinha dos por- rêm, com a idéia prefixa de se cos, a baceira das oveilias, a levantar bem cedo, porque urranilha da vaca, as exigências gia estar no campo antes do nestidade. dos pastores, a baixa da lá, em amanhecer. E a certa altura da

noite-uma linda noite de luar -acorda, vê, pelas frinchas da Janela, a rua toda alagada num banho de claridade e julga-se em pleno dial Estonteado, abre a porta que dà para o quintal, esfrega os olhos e constata não ter sido afinal o sol que o surpreendera na cama; mas já não torna a deitar-se, porque-pensa êle-devia estar perto a madrugadal

E então, como sempre, toca a fazer as migas, plcando-as asperamente de cornicabra, e ci-lo a almoçar!

A malagueta era brava, o homem soprava, e foi assim, com a bôca em brasa, que, pouco depois, atirava para cima da va. égua com o albardão, disposto a partir para a sementeira...

Nessa altura, porém, ouvia e reconheceu, na rua, a voz de era muito maistarde do que supunhal ...

Abre a porta, sai com a égua da sua casa, duas mulheres em ameno cavaco...

E. estranhando um tal madrugar, grita-lhes:

-Então, já levantadas?I

-Dél-respondem clas, nizorramente - Se nós ainda nã nos détémos, como é que nos haviamos de levantá?!...

—Ora essa! Então que horas

-Oulhe, conte-as la...

O relógio da tôrre começava, nesse momento, a bater as onze horas!!! O lavrador ficou boquiaberto, assombrado; mas, numa rápida transição, o riso escancara-lhe a boca e, numa das tals gargalhadas que só podem rebentar dum fundo de prazenteira bonomia, volve:

-Pois, comadre, já papei o almoçoII

Todos riram e o homem não teve outro remédio senão voltar para o vale de lençois, onde a companheira, estremunhada, teve de rir também!

E dormin outra vez, e dormiu bem, com o almôço a aquentar-lhe o estômago, onde

Ás quatro horas — tinha de ser!-novamente o madrugador se levanta, outra vez prepara e lugere as migas, e assim, realmoçado, vai finalmente a cami-

Nesse dia, o bom lavrador, mente.

Passados anos, ainda o vetante, exclamava sorridente:

-E' verdade! Nessa noite ceci e almocei duas vezesi E sempre com apetitel Belos tem-

Belo estômago, dizemos nós agora. E bela saúde e esplêndida disposição de espirito, que vos permite, ó honrados trabadores nisenses, viver felizes, sem desmedidas ambições, num ambiente de paz laboriosa e economia fecundante, deixando aos vossos filhos e aos vossos conterráncos, o mais nobre exemplo de trabalho e de ho-

J. FIGUEIREDO

VULTOS NISENSES — [conclusão]

guens e, como este, estudante | criou e tem sabido manter e Inurcado nas Faculdades de Fl- o fogo vivo do seu vibrante losofia e de Medicina com vários acessus - se dirigiu comovido, ao Reverendo Manuel Carôloa cumprimentá-lo, dizendo--lhe, porque a comoção que lhe embargara a voz, mais lhe não permitiu: - Sai a gente daqui

Durante a sua permanência em Elvas, privou muito de perto com o malogrado António Sardinha que muito o estima-

Em principio de 1919 o Reverendo Manuel Carôlo precisava de descansar. Os três anos e al- ilumina as consciências, o guns meses do seu febril aposduas vizinhas. Ficou perplexol tolado em Elvas tinham-lhe que as aperfeiçoa, o amor Seria possivel que a vizinhan- quasi esgotado as forças, e as próximo que as sublima ça jà estivesse de perl...Então circunstâncias ocasionais des- amor de Deus que as santificente da Con ses tempos agitados, mercê das vicissitudes politicas, não eram que lhe sai em labaredas do de molde a dar ao zelozo sacer- ração e infunde no auditor e vê, efectivamente, em frente dote naquela cidade o descanso e o repouso de que carecia para recobrar as suas enegias. Então o Prelado eborense en- Igreja, o Prior da freguesia carregou-o de paroquiar a fre- Santo André, da Estremoz, guesia do Couço onde permaneceu durante um ano.

> das as energias, é encarregado, a virtude, fustiga o vicio, less de Serp a partir de 11 de Julho de 1920, de paroquiar a freguesia de Santo André, em Estremoz, que há muito estava quási completamente abandonada.

Ai desenvolve uma actividade verdadeiramente prodigiosa. Reforma o Apostolado da Oração, tornando-o, de mêtamente ressequido e formalista, em intensamente fervoroso; institue a Associação das Filhas de Maria; organiza a Acção Catilica com as suas secções da Juventude independente e da Juventude operária, e as da Liga independente e da Liga operária, tôdas constituidas por pessoas do sexo feminino. Com obras de beneficência e caridade, á iniciativa e zêlo do Cônego Manuel Carôlo são devidas: -a Conferência de S. Vicente de Paula, com cêrca de trinta confrades de espírito verdadeiramente vicentino e cumprindo as disposições estatuárias, sem o quê tais agremiações se descaracterizam absolutamente, perdendo tôda a sua eficácia espiritual e tornando-se motivo de escândalo para quem tem lou na conveniência de de vez em quando, ria-se sòzi- a verdadeira noção destas insentes pobres, constituida por a disposição do Senhor mulheres de tôdas as idades e categorias e distribuindo anualmente muitos milhares de escudos;-a Sopa dos Pobres, de criação recente, a cargo da Liga da Acção Católica (independente e operária) e cujas instalações e alfaias custaram cêrca de trinta mil escudos, tendo dispendido dezenas de contos neste primeiro ano social com a alimentação de sessenta pobres pelo menos, número êste frequentemente muito excedido. E deve notar-se que são as próprias Senhoras da Associação que pessoalmente servem os pobres no local das instalações. Tôdas estas instalações de

piedade e de assistência social que o Cónego Manuel Carôlo ro).

tusiasmo, são informados p dularmente de espirito de tensa apostilização cristá êle tem conseguido desenv ver na já longa pastoreação sua freguesia.

Durante os vinte e cinco Trogas & F nos do seu paroquiato em tremoz, soube reacender a da fé em muitas almas que q si a tinham perdido, ao mes tempo que, nas gerações not naquelas que surgiam pan vida de espirito sob o seu c to, incutia, mais do que a fér

Homem de palavra que sentimento das virtudes cri e conhecimento das verde morais e transcendentes ao espírito do Apostolo e drociro da sua freguesia, el Refeitas as fórças, recupera- geliza, converte, ensina, en faz os erros, fortalece os til dinamisa os apáticos, eno nha os cegos, ampara os p pites, conforta os que son A todos leva, quando se mister, a palavra que forti o conselho que orienta, a flexão que adverte, a sússis des desde que abranda e concilia, o es plo que edifica e até a cen perals. que corrige atitudes e disconor. na vontades-porque tudo è proprio do munus sacerd

Entre os serviços presti pelo Cónego Manuel Caro causa católica, está a obte pouco depois de estar pare ando em Estremoz, de tò importância necessária p aquisição e instalação du made sortido pografia em Évora, destin impressão do Boletim A diocesano e que depois 8 durante muito tempo, pa impressão de «A Defesa», a nário da Acção Católica na la cidade.

Compreendendo bemos de valor da imprensa na pagação das boas idéas, seu Venerando Preladoli quirir uma tipografia, oc go Manuel Carolo pôs-se bispo alguns milhares de dos, a quantia para tal 1

Mas não foi só por casa ma, que concorreu para a logética católica por mel imprensa. Para ela tem bem contribuido com av ção da sua pena, escrey nas colunas de «A Defeso prosa elegante, clara e inc artigos sôbre diversos as de ordem religiosa e de damente àcerca de figura prestaram serviços à cau Igreja, tendo especial aqueles em que evocou os ges franciscanos que ma distinguiram no Conven S. Francisco, em Estremo

(Conclue no proximo) DIAS LOUG

stomoveis. estrete, Pneu eleresz-, «Zo Havanesa

"TAGUS"

lustino.

Bickeletas an da Repúbli Mário D vor que as inflama, a pied orgo de

> Livrar & Irm TELEFO LUGAR de LUIZ D. mapre as n hortalica

> > ag Dr. Fra

Latoaria de LUIZ'DI

da Serpa Pi

intes e PE Permanento Bermonente Indispensiv Eleg Rêdes Pi Francisc

Consultas

Anûncios-1500 cada linha, segundo o linómetro de corpo 8. Anuncios permanentes e especiais — contratos especiais. Número avulso—550, Numeros atrazados: 1800. A corvespon-dência é dirigida ao Director.

Assinatura, um ano-26800, continente; Colònias e Estr geiro, com o acréscimo portes. Não se restituem ginats quer sejam ou não blicados. — Toda a colabo ção para o jornal é solicita

a forti

OF ST

新春 (2 E)

a bole

2000年4月

学校 共会生

who n

0.0

15 P

经常和

BOX S

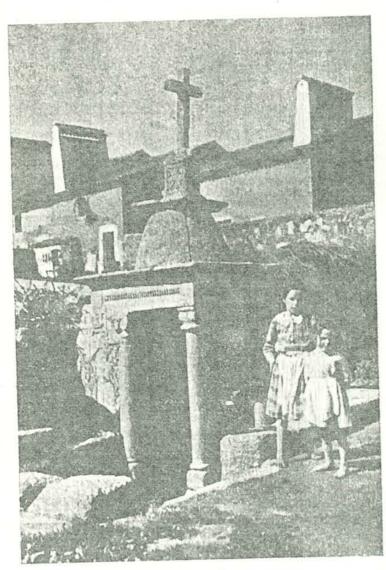
THE WAY

Sept. P

STATE OF

250

23/24



O' velha fonte da Pipa, Moribundo fio de água, Eu compreendo o teu martírio, Eu compreendo a tua mágua.

Não tardarás a morrer, Não tardarás a secar; Como um cavaleiro antigo Vais morrendo de vagar.

O teu cantar de alegria Mostra a tua desventura: Tem a sombria tristeza Duma noite fria e escura.

Bem sinto o teu sofrimento, Bem sinto a tua paixão: Sempre entre a vida e a morte O teu pobre coração!

Cativa da tua sina, Cativa da tua sorte, Como cativa menina Que está cativa da morte;

O' fontesinha da Pipa, Fio de água moribundo, Sinto a tua despedida Num adeus triste e profundo.

Mal o estio se avisinha, Sentes bem que vais morrer, E já só no frio inverno Tornarás a renascer!

Tuas linhas graciosas Teem o sêlo divino Do estilo da renascença Que traduz o teu destino:

- Renascer para morrer, Morrer para renascer, E' a tua triste sina. E' o teu triste viver

Mal inda te foi Natal, Já se avista o teu Calvário: -- Como è negra a tua sorte! Como è triste o teu fadàrio!

Renasces, como Jesus, No maior rigor do inverno! O teu destino é cruel, Mas não ha de ser eterno.

Terá remédio o teu mal, Terá fim a tua mágua, Se a tua 1rmã Galiana Te ceder da sua água.

Então, tu seras alegre. Rodeada de raparigas. Entre chufas e risadas, Entre danças e cantigas.

Vencerás a má desdita Que te fadou ao nascer; Não mais soluços e prantos, Não mais sofrer e morrer.

As môças, p'lo São João, Virão bailar te em redor, Com adufes e pandeiros. Cantando trovas de amor.

Os namorados, aos pares, Radiantes de alegria, Háo de bailar tôda a noite Até ao romper do dia.

Sem saudades dum passado Que foi triste, mas n.orreu, Enquanto o mundo for mundo, Darás louvores ao céu.

Então, ó fonte da Pipa, O teu cantar de balada Terá a doçura e a paz Duma noite enluarada.

João Saul Cid

A feira de S. Miguel

Nisa esteve em festa no dia 10 de Outubro.

O Rossio e a Deveza regorgitaram de povo de todas as redondezas que veio aqui comprar e vender ou simplesmente de passeio, em visita às familias e pessoas amigas.

Dia explendoroso de sol, bri-Ihou na policromia des trajos, dos artefactos de toda a ordem na confusão da feira, com o seu barulho ensurdecedor, as suas características próprias tão tradicionais, à portuguesa, Ressouvam os pregões, os reclamos das artes maravilhosas, os alto falantes, numa vozcaria confusa de fados ronceiros, de tan- ga segreda-nos: «Já se realizou cantes das Revistas.

Enfim! Era a feira, a feira completa, a que nem faltou a gentileza das Senhoras, na azá-

to. Logo de manhã, pessoa ami- de mercado tradicional.

(conclusão)

das vezes cobre-se com os mantos da amisade, do amor, na filantropia da religião... Outras vezes nem chêga a sair do dominio do sub-conciente.

São os sentimentos que governam o mundol. A fria razão tem um poder muito menor sobre o conportamento dos homens... e sobretudo das mu-

«Souvent femme varie»... «La dona e mobile...»

Napoleão atribuiu o desastre de Waterloow a que os inglêses, acumulando os êrros de

gos dolentes, de modinhas pi- uma transação de gado suino no valor de mil contos».

O «Cine-Teatro Nisense, den quatro sessões, na época da feira. Enfim, se não foi coisa de fama das compras, ou nos pas- pasmar, a feira de S. Miguel. seios pelas alamedas do Rossio. este ano, não deixou de manter Efizeram-se negócios de vul- os seus pergaminhos de gran-

estrategia, não agiram como êle previra. Mas os inglêses agindo erradamente, como pretendia Napoleão, bem entendido, ganharam a célebre batalha.

Quantas surprêsas mal entendidas, quantos dissabores se não devem á simplicidade dêste raciocinio: julgar que os outros vão agir, em determinadas circunstâncias, como nós próprios agiriamos!

Devemos, pelo contrário, procurar metêr-nos na sua pele e aquillatar das suas reacções pelo conhecimento que dêles temos. Tarefa dificil, ingrata e delicada. Devemos praticar quanto possível «o jôgo dos Cesares.»

Conta-se que um inglês erudito se divertia, em familia a exercitar a perspleacidade dos filhos perguntando-lhes com qual dos famosos imperadores romanos mais se pareceriam os amigos da casa, se dispuzessem do poder discrecionário de que usufruiram aqueles monstros.

Anunciem no «CORREIO DE NISA»

(Conclusão)

des Mots de Arseno Darmesteter, notável professor de Literatura francesa da Idade-Média e de História da Lingua francesa na Faculdade de Le- Há mais cegos do que p tras de Paris, se emprega a palavra semántica como vocábulo, tirado do grego, para designar o «ciência das mudanças de significação das palavras».

Do mesmo modo, muito antes de 1897, data do citado Essai de Sémantique de Bréal, já o filólogo português Adolfo Coelho empregava a palavra semântica na 3.ª edição do seu livro «A lingua Portuguesa», a pág. 37, não me sendo possivel verificar, por as não possuir, se nas duas edições anteriores já teria usado tal vocábulo.

Em conclusão: - ao contrário do que diz o Dr. Sá Nogueira no lugar citado, já muito antes de 1897 o têrmo semântica

Quem Canta

Por eu ser pobre, sorris da minha má condição, Voam alto as cotovias - e fazem ninho no cha

Sou feia? Cá sei haver-n sem zelos nem desaveno Tomaram os cegos vers

era empregado pelos f nacionais e estrangeiro

Aproveito tambémo para mostrar o meu de sôbre a preferência qu Costa parece dar à pala matologia que utilisa pa titulo do seu estudo em têrmo semântica.

Mas, para não torn mais extensa, isso fica tra apostila.

DIAS LO

ÊSTE NÚMERO DO CO DE NISA» FOI VISADO CENSOR DO DISTRI